



## Candidatos a empreendedores

Especialista em incubadora indica o caminho para novos empresários de tecnologia

Em uma recente palestra no Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da Universidade de São Paulo (USP), Sergio Risola, gerente do Centro de Inovação, Empreendedorismo e Tecnologia (Cietec), localizado na Cidade Universitária, perguntou à plateia, formada por alunos da graduação ao doutorado, quem gostaria de ter a sua própria empresa. “Para minha surpresa e de todos da mesa, acima de 50% dos quase 250 alunos responderam sim a minha pergunta”, conta Risola. Para ele isso demonstra que as universidades e os professores deveriam se engajar mais na formação de seus alunos para serem empreendedores. À frente da incubadora de empresas, ele tem uma experiência rica em

receber candidatos a empresários que querem desenvolver tecnologia e fazer inovação. Já passaram pelo Cietec, em 15 anos, mais de 500 empresas, sendo que 130 saíram da incubadora e caminham com as próprias pernas mantendo um nível de sobrevivência acima de 90%.

“Cerca de um terço das empresas incubadas no Cietec é de pessoas que vieram da vida acadêmica, com mestrado, doutorado, pós-doc e com passagem pelos ICTs [institutos de ciência e tecnologia]”, diz Risola. “No início são pessoas com ideias mas sem empresa.” As incubadoras são o ambiente mais propício para esses iniciantes porque, além da riqueza da rede de contatos formada

entre as próprias *start-ups*, empresários e investidores que frequentam essas instituições, contam com as consultorias gratuitas e espaço a um custo menor que o de mercado. Antes de tudo, o Cietec e outras instituições congêneres pedem aos interessados um plano de negócio em que seja explicitado



Risola: dedicação e paixão pelo negócio são fundamentais para o sucesso

o que será feito e em quanto tempo, se há propriedade intelectual e qual a percepção da inovação, se incremental, quando algum conhecimento novo foi agregado a um produto, processo ou sistema, ou radical, quando a inovação é inédita. “Nós queremos saber qual a necessidade de buscar conhecimento.” No caso dos candidatos a empresário que saíram da universidade sempre deve existir uma complementaridade do conhecimento nas universidades e ICTs, no Brasil ou no exterior.

Ao se candidatarem ao Cietec, os futuros empreendedores passam por um curso de 40 horas para decidir se querem seguir esse caminho. “Pedimos ao candidato para fazer uma reprogramação na vida profissional e também mostramos o que ele vai enfrentar. Muitos desistem ou percebem que ainda não estão preparados e voltam mais tarde”, diz Risola, que também é professor do curso de empreendedorismo e novos negócios da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em São Paulo.

Entre as características pessoais para um novo empreendedor, Risola diz que ser um bom formador de equipe, saber liderar, delegar, insistir, não ter medo de errar, além de não desistir diante das dificuldades, tudo isso tem sentido, mas o mais importante é a dedicação e paixão pelo sucesso do negócio. Outra coisa lembrada por Risola é a escolha dos sócios. As brigas entre eles são responsáveis por quase 5% da mortalidade de empresas na incubadora, e seria maior se não houvesse a adequada intervenção dos gestores nas situações de falta de entendimento entre os sócios. Para Risola, é preciso escolher bem porque ninguém chega ao sucesso sozinho e as tarefas da empresa são variadas e exigem tempo.

MUDANÇA DE RUMO

## Divisor de águas

Executivo decide deixar grandes empresas para dar aulas



O percurso de Esteban Ferrari, de 43 anos, um professor realizado profissional e pessoalmente, começou com o curso de engenharia mecatrônica na Escola Politécnica da Universidade de

São Paulo (USP). Depois passou por duas grandes empresas multinacionais e agora dá aulas em cursos de pós-graduação em instituições como a Fundação Instituto de Administração (FIA) da USP e a Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (Fecap), na capital paulista, além de trabalhar como *coach* executivo e de carreira. “A única ocasião em que trabalhei como engenheiro foi durante um estágio de um ano que fiz na área técnica na Cofap, tempo suficiente para saber que não era o que eu queria fazer.” Depois trabalhou durante seis anos na Allison Transmission, fabricante de câmbios automáticos para ônibus e caminhões, divisão da GM do Brasil. Durante três anos foi instrutor técnico na área de pós-venda, no treinamento de distribuidores e concessionários, e por mais três anos coordenou os serviços de pós-vendas. “Era uma área muito operacional e eu queria trabalhar com estratégia e planejamento. Em 1999 decidi fazer um curso de especialização em administração na Fundação Getúlio Vargas.

Foi então trabalhar na Telefônica como analista sênior na área de *marketing*. Durante 10 anos na empresa, ocupou os cargos de gerente e superintendente de

*marketing*. A vida profissional ia muito bem, mas a longa jornada de trabalho como executivo impedia que se dedicasse aos dois filhos. “Foi quando comecei a me questionar se queria mesmo seguir carreira em empresas.” Entre as ideias de mudança uma lhe agradava especialmente, a de dar aulas, porque gostava de temas ligados à área de gestão de pessoas e comportamental, disciplinas cursadas na especialização na FGV e no MBA empresarial feito na Fundação Dom Cabral em 2002. “Era um caminho possível, mas para mudar era preciso coragem e eu estava acomodado.”

Em suas férias em maio de 2009 decidiu fazer o caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. “Foi um marco na minha vida, um divisor entre o antes e o depois.” Em São Paulo ficaram mulher, filhos e todo o estilo de vida a que estava acostumado. Durante 30 dias ele caminhou 800 quilômetros por um percurso que, segundo ele, não tem nada de místico. “É um caminho de autorreflexão, em que tive a oportunidade de me conhecer melhor”, diz. Na volta, comunicou sua decisão de se desligar da empresa. Em fevereiro de 2010 começou seu mestrado na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP e o seu tema de pesquisa foi transições de carreira. “Estudei um fenômeno e me analisei ao mesmo tempo”, diz. Ferrari diz sempre uma frase a seus alunos: “A resposta para o que queremos fazer no futuro está quase sempre relacionada com alguma coisa que fizemos no passado e nos deu muito prazer”.